

COMPOSTOS DE DISCURSO DIRETO NA FALA: PESQUISA NO C-ORAL

José Carlos da COSTA JÚNIOR

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar e discutir os resultados da pesquisa por Compostos de Discurso Direto - CDDs - (PASCUAL, 2014; COSTA JÚNIOR, no prelo) em um corpus exclusivamente oral, o C-Oral Brasil (RASO e MELLO, 2012). Compostos como “camisa laranja cheguei” “olhar de me leva pra casa” são exemplos de CDDs. Fundamentamo-nos principalmente em Pascual (2014), na Linguística Cognitiva (LANGACKER, 2008; TALMY, 2000) e em outros para a análise dos dados de fala (GOFFMAN, 1985; ROCHA, 2003, entre outros). Metodologicamente, fizemos uma pesquisa por CDDs no C-Oral, primeiramente utilizando a plataforma Corpuseye e, posteriormente, fazendo a oitiva e leitura de todo o corpus. Pesquisamos 92 núcleos nominais considerados produtivos de 4 padrões de CDDs. Esses padrões são: (i) SN + preposição “de” + modificador de discurso direto; (ii) SN + modificador de discurso direto; (iii) SN + (preposição “de”) + angulador “(tipo) assim” + discurso direto; e (iv) nome + morfema de discurso direto (em uma mesma palavra). Foi encontrada 1 ocorrência de CDD em todo C-Oral. Defendemos que CDDs são uma forma de veicular um conteúdo não disponível em forma

de adjetivos, com efeitos discursivos como síntese, humor e crítica social. Relativo à baixa ocorrência de CDDs na fala, defendemos que um CDD é estruturalmente mais complexo do que um adjetivo canônico. Além disso, um CDD pode ser criado a partir de um discurso reportado específico de uma interação e, portanto, teria seu uso muito circunscrito a essa situação. Dessa forma, isso dificultaria seu processo de lexicalização na língua.

PALAVRAS-CHAVE:

Compostos de discurso direto;
Linguística Cognitiva; C-Oral.

ABSTRACT

The aim of this work is to present and to discuss the results of the searching for Direct Speech Compounds - DSC (PASCUAL, 2014; COSTA JÚNIOR, forthcoming), in the oral corpus C-Oral Brasil (RASO E MELLO, 2012). Compounds such as “camisa laranja cheguei” and “olhar de me leva pra casa” are examples of CDDs. As a theoretical background we use mainly Pascual and its fictive interaction studies (2014), Cognitive Linguistics (LANGACKER, 2008/ TALMY, 2000) and interaction and reported speech works (GOFFMAN, 1985; ROCHA, 2003, entre outros).

Methodologically, we first conducted a research in C-Oral using Corpuseye, an online corpora searcher. After this procedure, we listened and we read all C-Oral corpus. We searched 92 hypothetically productive nominal heads in 4 kinds of patters, which are: (I) NP + DIRECT SPEECH MODIFIER (II) NP + PREPOSITION “DE” + DIRECT SPEECH MODIFIER, (III), NP+ (PREPOSITION “DE”) + HEDGE (TIPO) ASSIM + DIRECT SPEECH and (IV) NOUN + DIRECT SPEECH MORPHEME (in the same word). We found just one example of DSC in C-Oral. We claim that the use of DSC has discursive effects such as synthesis, humor, generalization and social criticism in such a way that speakers don't find in canonical adjectives. Regarding its low frequency in oral speech, we argue that the DSC are in general structurally more complex than adjectives, besides the fact that DSC can be created from specific reported speeches. Hence DSC can be to circumscribed to an interaction, which may difficult its lexicalization in a language.

KEYWORDS:

Direct Speech Compounds; Cognitive Linguistics; C-Oral.

INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo é apresentar os resultados da pesquisa de Compostos de Discurso Direto (CDDs) no C-Oral (RASO e MELLO, 2012). Esses compostos constituem-se de um sintagma nominal modificado por um turno de fala fictivo, o qual é discutido a seguir, por exemplo: “dia do fico”, “camisa amarela cheguei” e “geração do eu mereço”, conforme atesta outra pesquisa empreendida na internet (COSTA JÚNIOR, 2016; COSTA JÚNIOR, no prelo). No presente trabalho, o foco é a produtividade e manifestação dessa construção na fala, tendo como base a pesquisa em um corpus exclusivamente oral.

A opção por tratar essa construção como um composto se deve ao nosso alinhamento teórico com Pascual (2014), a qual utiliza o termo *Direct Speech Compounds* (Compostos de Discurso Direto, em tradução livre) e considera o fenômeno da fictividade, o qual será discutido na seção 2 deste trabalho. Outros estudos dessa construção, tais como o de Vachek (1976, p.323) e de Dressler (2006, p.28), denominam-na *Quotational Compounds* (Compostos de Citação, em tradução livre) ou *Phrasal Compounds* (Compostos de Sintagma, em tradução livre), mas não consideram a fictividade do turno de fala em sua análise.

Este trabalho se organiza conforme o exposto: a seção 2 é dedicada aos pressupostos teóricos, tanto a respeito do composto aqui analisado quanto de fundamentações advindas da interação e análise da conversa, pois a pesquisa foi empreendida em um corpus de fala. A seção 3 detalha a metodologia utilizada nesta pesquisa. Na seção 4, são apresentados os resultados encontrados no C-Oral, bem como sua análise. Já na seção 5, por fim, são apresentadas as considerações finais deste trabalho.

1 <https://www.enjoei.com.br/categoria/mocas-roupas-casaquinhos> acessado em 14/06/2018

2 CDDs E FICTIVIDADE

Pascual (2014) define um CDD como “um composto nominal cujo modificador pode servir como uma unidade autossuficiente do discurso” (PASCUAL, 2014, p.114). A autora considera que os CDDs são instâncias de um fenômeno maior denominado interação fictiva. De forma sucinta, pois não se trata do foco deste trabalho, a interação fictiva pode ser definida como “um canal de comunicação não tangível e não verídico, ainda que onipresente, introduzido pelos participantes do discurso em suas interações” (PASCUAL, 2014, p.16, em tradução livre). O fato de ser não tangível e não verídico significa basicamente que, no caso dos CDDs, o discurso direto que faz parte do composto é um enunciado sem força ilocucionária (ver discussão abaixo). Considere-se o exemplo a seguir:

1. Sandália e casaquinho (SN) *mamãe, não me perca na neve* (MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO FICTIVO) ¹

No exemplo 1, tem-se um CDD formado por um nome e por um modificador em discurso direto. Este último não se refere a uma interação que tenha ocorrido de fato. Trata-se de uma forma de recriação lexical baseada em nosso conhecimento compartilhado acerca da língua portuguesa em interações cotidianas, com função básica de adjetivação do SN.

No caso de (1), o modificador “não me perca na neve” não foi necessariamente enunciado por alguém, como em uma interação real, e tampouco possui, em si, uma força ilocucionária que poderia ser-lhe usualmente atribuída, tal como uma ordem ou um alerta a algum outro falante em uma interação hipotética. Não há interlocutor diretamente previsto para o modificador de um CDD. Não há qualquer interação estritamente esperada após a enunciação do modificador caso fosse tomado como ordem ou alerta. Por essa razão, esse discurso direto é fictivo, e o sentido é de uma sandália e um casaco com cor muito chamativa, no caso, um laranja forte que se destoaria do branco da neve.

O termo “fictiva” em “interação fictiva” se ancora a um fenômeno ainda mais amplo, denominado fictividade (TALMY, 2000; “virtualidade”, em LANGACKER, 1999; “fictividade”, em LANGACKER, 2008). Talmy (2000) define o termo “fictividade” como um padrão cognitivo de representações discrepantes de um mesmo objeto, sendo uma delas avaliada como mais e a outra como menos verídica. Em outros termos, o conceptualizador é capaz de conviver com conflitos cognitivos na produção e interpretação do sentido, ora mais denotativo, ora mais conotativo, sem que ambos se excluam.

De modo complementar e tratando o fenômeno como “virtualidade”, Langacker (1999, p. 78) afirma que “afastamentos da descrição direta da realidade (percebida) são ubíquos e fundamentais na linguagem”, mitigando a máxima de que as expressões linguísticas apenas se referem a indivíduos ou relações reais, em função de a linguagem requerer imagens mentais.

2.1. Padrões morfossintáticos

Em pesquisa anterior (COSTA JÚNIOR, 2016), foram detectados os seguintes padrões morfossintáticos de CDDs no português brasileiro, acompanhados de exemplos:

Padrão (i): SN + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO: maquiagem acordei e sou linda, sandália e casaquinho mamãe não me perca na neve, esmalte gosto de carinho, aliança eu escolhi esperar.

Padrão (ii): SN+ PREPOSIÇÃO “DE” + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO: dia do fico, olhar de me leva pra casa, postura de eu quero que você suporte ouvir o que lhe desagrada, mas não suporte o desagrado de ouvir que o que eu disse lhe desagradou.

Padrão (iii): SN+ (PREPOSIÇÃO “DE”) + ANGULADOR (TIPO) ASSIM + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO: Boquinha de moranguinho... assim, me sujei com morango, sabe?;

Odeio gerações do tipo: se eu não correr atrás de você a gente não se fala.

Padrão (iv): NOME + MORFEMA DE DISCURSO DIRETO (em uma mesma palavra)²: maquiador, maquiamo, chocolateamo.

Já os tempos e aspectos verbais dos CDDs encontrados em Costa Júnior (2016) são sistematizados na tabela a seguir. Não foi encontrado nenhum CDD com tempo imperfeito passado (ver LANGACKER, 2008, p.147, para uma discussão detalhada), correspondente ao pretérito imperfeito do indicativo no tempo gramatical. Esses dados servem como pista de produtividade de cada tempo/aspecto verbal para futuras pesquisas. Observe a Tabela 1.

2.3. Os múltiplos papéis do falante e a face em interações

Um CDD pode ser criado a partir de um discurso reportado e com ele coexistir, conforme defendido na análise da seção 4. Por essa razão, é necessário explicitar conceitos ligados à ocorrência desse discurso reportado, tais como a multiplicidade de papéis do falante e o conceito de face.

Segundo Goffman (1998, p.87), o falante de uma interação pode ser decomposto em animador, autor e responsável. Por animador, entende-se o responsável físico pela ação de falar, isto é, “o indivíduo engajado no papel de produzir elocuições” (GOFFMAN, 1998, p.87). Nem sempre esse animador é o responsável social e criador de um enunciado. Dessa forma, nem sempre o animador expressa suas próprias palavras e pode estar simplesmente verbalizando, ou seja, animando o enunciado de outra pessoa.

² Pascual (2014, p.94) não se refere ao padrão (iv) como nos termos deste trabalho. A autora não menciona o termo “mesclagem lexical” e trata os modificadores de discurso direto como prefixo ou sufixo.

Tabela 1

Tempo e aspecto nos Compostos de Discurso Direto	
CDDs	TEMPO E ASPECTO
Maquiagem <i>acordei e sou linda</i>	PERFECTIVO PASSADO E IMPERFECTIVO PRESENTE
Geração do <i>eu mereço</i>	IMPERFECTIVO PRESENTE
Promoção eu <i>vou</i> de Montana	PERFECTIVO PRESENTE
Cara de <i>já te vi</i>	PERFECTIVO PASSADO

Já o autor é quem performa um enunciado antes deste ser utilizado em um discurso reportado por outro animador. Por essa razão, em um discurso reportado, o animador é quem reporta um discurso criado por um autor, que não necessariamente é o animador.

O responsável ou principal, por sua vez, é aquele que se responsabiliza socialmente pelo enunciado proferido pelo animador. Em um discurso político, por exemplo, é possível ver claramente essa decomposição. Nesse caso, o animador é quem profere o discurso escrito por um autor. Já o responsável é o governo ou instituição vinculada ao discurso do animador (GOFFMAN, 1980).

Naturalmente, o próprio falante pode assumir e acumular os três papéis, isto é, footings, e ser animador, autor e responsável, além de mudar de um para outro ao longo do discurso. Além disso, o autor (GOFFMAN, 1980) aponta que o protagonista descrito em uma cena reportada é a chamada figura.

Quando animador, um falante pode imprimir prosodicamente uma avaliação no discurso reportado (ROCHA, 2003, 2004) ou alterar ou inventar o que foi dito pelo autor do enunciado (DUBOIS; 1989; MAYES; 1990, ROCHA, 2003; 2004), ou seja, o animador pode ser mais do que apenas um reproduzidor de discursos e “garantida certa distância do sujeito reportado, o animador da voz do outro faz o que quer com ela: aumenta, inventa, imita, debocha ou, até mesmo, esforça-se para ser fiel às palavras originais” (ROCHA, 2003, p.252).

Em relação ao conceito de face, esta pode ser definida como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico.” (GOFFMAN, 1985, p.77). De acordo com o autor, a face de um participante pode sofrer mudanças durante uma interação. Supõe-se que um participante tenha que corresponder às expectativas sociais para preservar sua face, a qual pode ser atacada, ameaçada ou protegida por outros falantes. Goffman também pontua que a face de um falante “[...] poderá ser-lhe retirada caso não se comporte de modo a merecê-la” (GOFFMAN, 1980, p.81).

3 METODOLOGIA

O C-oral Brasil (RASO e MELLO, 2012) é um corpus oral do português brasileiro construído a partir de interações de participantes que falam, principalmente, a variedade do português de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Isso significa que o corpus possui pouca variação diatópica, isto é, geográfica. Apesar disso, esse corpus tem a vantagem de ter grande variação diafásica, ou seja, possui muitos tipos de contextos nos quais os participantes interagem espontaneamente, tais como diálogos, monólogos e conversas informais entre três ou mais pessoas, em muitos locais diferentes. O corpus possui 208.130 palavras divididas em 139 interações com cerca de 1500 palavras cada uma. Além disso, o C-Oral oferece metadados de todos os participantes envolvidos, fato que favorece a contextualização das interações e dados de fala analisados.

As perguntas de pesquisa para a busca no C-Oral foram: os CDDs ocorrem em fala espontânea tal como ocorrem em modalidades e gêneros mais monitorados, como os encontrados na pesquisa na internet? Se sim, existe alguma pista linguística ou contextual que o preceda ou suceda sua enunciação? Quais efeitos discursivos um CDD produz em uma conversa? Que tipos de informações tal CDD permite recuperar em uma conversa? Por que o falante pode ter utilizado um CDD em vez de um modificador comum? Quantos CDDs foram encontrados no C-Oral? Observe Tabela 2.

Para o rastreamento desses núcleos, foi elaborado um comando no buscador do Google que contemplasse os padrões explicitados na seção 2.1, todos referentes ao português. Esses padrões foram elaborados a partir de Pascual (2014), a qual traz vários exemplos de ocorrência dos CDDs em inglês.

A busca por CDDs ocorreu em dois momentos. Primeiramente, foi feita uma pesquisa eletrônica no corpus do C-Oral por meio do site de busca em corpora Corpus eye. Essa etapa consistiu-se em uma primeira verificação das possíveis ocorrências dos núcleos nominais sugeridos como comumente modificados por discurso direto por Pascual (2014) e pelo autor do presente trabalho.

Para essa busca, foi digitado cada um dos 92 núcleos nominais no Corpus eye³ e selecionada a opção “C-Oral”. Isso significa que a busca é empreendida apenas no corpus em questão. A busca das ocorrências do núcleo nominal “jeitinho”, por exemplo, pode ser visualizada na Figura 1.

A figura 1 mostra um resultado de 23 ocorrências para o substantivo “povo”, o qual figuraria como núcleo nominal em um CDD. Cada um desses resultados foi

³ <http://corp.hum.sdu.dk/>

⁴ <https://corp.humsdu.dk/cgi-bin/>

Tabela 2

Núcleos nominais pesquisados	
Segundo Pascual (2014)	Propostos para este trabalho
<p>“povo”, “grupo”, “geração”, “tipo”, “comentário”, “mensagem”, “desculpa”, “conversa”, “reprovação”, “discussão”, “promessa”, “mentira”, “botão”, “sinal”, “banner”, “romance”, “livro”, “manifesto”, “coluna”, “arquivo”, “uniforme”, “veículo”, “arte”, “roupas”, “gesto”, “visão”, “sorriso”, “cara”, “aceno” “método”, “artimanha”, “tratamento”, “fórmula”, “solução”, “projeto”, “demonstração”, “disputa”, “iniciativa” “atitude”, “mentalidade”, “abordagem”, “pensamento” “sentimento”, “humor”, “lugar”, “marca”, “ano”, “estágio”, “era”, “situação”</p>	<p>“turma”, “galera”, “gente”, “gentinha”, “conversinha”, “papo”, “papinho”, “briga”, “paraque”, “para-brisa”, “horóscopo”, “passatempo”, “camisa”, “sapato”, “chocolate”, “sobremesa”, “maquiagem” “anel”, “aliança”, “cabelo”, “olhos”, “abraço”, “aperto de mão”, “chacoalhada”, “tapa” “cumprimento”, “jeitinho”, “jeito”, “modo”, “associação”, “apoio”. “status” “tempo”, “caminho”, “estrada”, “dia”, “mês”, “calendário”, “rota”, “período”, “promoção”, “jogo”.</p>
Total: 50	Total: 42

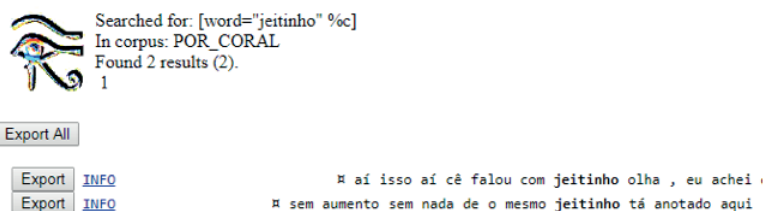


Figura 01 – Exemplo de pesquisa no C-oral via Corpuseye⁴

lido com o intuito de detectar algum dos 4 padrões de CDD expostos na seção 2.1.

Após a sondagem de todos os núcleos nominais da tabela 2 por meio do Corpus Eye, foi feita uma análise manual do corpus C-Oral. Essa análise manual consistiu na oitiva de toda a extensão do corpus, além da leitura da transcrição dos dados de fala. A análise manual se justifica primeiramente porque outros núcleos nominais que não os expostos na tabela 2 podem ser modificados pelo discurso direto. Além disso, a análise manual se justifica devido à complexidade e o respeito aos dados de fala, os quais supostamente deveriam ser analisados por meio de sua escuta e não apenas por um comando digitado.

Dessa forma, foram buscadas quaisquer instâncias dos padrões formais dos CDDs estabelecidos na seção 2,

além de quantificados e analisados discursivamente. Essa análise consistiu em buscar todas as pistas linguísticas possíveis antes da enunciação do CDD, as relações que tal CDD estabelece com outro elemento no espaço mental discursivo atualizado dos falantes, quais elos metonímicos o CDD estabelece e qual a interface entre um CDD e um discurso reportado.

4 ANÁLISE

A única ocorrência de CDD em toda a extensão do C-Oral é o CDD “abraço ei, querida” (áudio bfamev30, 01:55-01:57 seg). Trata-se do padrão 1, descrito na seção 2.1 deste trabalho. Isso indica que a produtividade, entendida aqui com um critério quantitativo, de CDDs na fala foi relativamente menor que na escrita, visto que, em gêneros escritos ou mais monitorados, como entrevistas e tutorais

gravados, foram encontrados 44 CDDs (COSTA JÚNIOR, 2016). Entretanto, é necessário pesquisar outros corpora orais para a verificação dessa hipótese, já que apenas o C-Oral foi analisado neste trabalho.

Para a análise desse composto nos dados de fala, será considerada a parte mais relevante do tópico relacionado a tal composto, antes e depois de sua enunciação. A análise a seguir é de uma conversa informal entre três pessoas: Clarissa (CLA), Raquel (RAQ) e Tutu (TUT). Segundo os dados do próprio corpus, os participantes dessa interação são duas mulheres e um homem. Os participantes são amigos e sabem que estão sendo gravados.

Os símbolos da transcrição a seguir são sistematizados na tabela 3.

Outros metadados relevantes são as ocupações desses participantes. Clarissa é professora de inglês, e Raquel é estudante de área não especificada pelo corpus. Já Tutu é ator. Todos eles são de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Na conversa, de 05:48 min., esses participantes falam sobre programas de televisão brasileira, bem como seus protagonistas e quadros. Para facilitar a leitura da análise, essa conversa é reproduzida parcialmente abaixo:

*CLA: [1] hhh é muita [1] <muita coisa pa guardar / né / Raquel> // \$
 *RAQ: [2] <é / porque eu não hhh> + \$
 *TUT: [3] <não / tá igual> / à &An [2] à Angélica ontem no táxi do [1] do <Huck> // \$
 *RAQ: [4] <quem é> Angélica // \$
 *RAQ: [5] ah hhh // \$
 *CLA: [6] Angélica <Angélica> // \$
 *TUT: [7] <a mulher dele> // \$
 *TUT: [8] <ele tem um &progra [2] um [1] um táxi / ele tem um táxi> / aí / ele vai dirigindo um táxi / ele foi pegar ela num lugar / eles ficaram andando pela cidade / <era / tipo> + \$
 *CLA: [9] <o [1] o Huck tem um táxi> // \$
 *RAQ: [10] <e' na mó intimidade / né> // \$
 *RAQ: [11] <Angélica> // \$
 *CLA: [12] <hum hum> // \$
 *RAQ: [13] <mas ele fica> fingindo que não é ele // \$
 *RAQ: [14] nũ é isso // \$
 *TUT: [15] não / nũ é igual Táxi do Gugu / <fantasiado> / não / era <ele / ele foi lá> / <numa falsa gravação> / falou / <amor / na verdade> / <era uma brincadeira> / cê vai andar comigo // \$
 *RAQ: [16] <ahn> // \$
 *CLA: [17] <tinha Táxi do Gugu> // \$
 *CLA: [18] <gente / cês assistem hhh> // \$
 *RAQ: [19] <não / mas pra [1] qual que é o sentido> do Huck ficar andando de <táxi com a Angélica yyy hhh> // \$
 *TUT: [20] aí es ficam andando / e ele vai [1] ia parando de ponto em ponto e <entrando> + \$
 *CLA: [21] <ele é o> motorista // \$
 *TUT: [22] é // \$
 *CLA: [23] ah / tá // \$
 *TUT: [24] ela &ad [1] sentada atrás / ele ia parando em vários pontos / e entrava / tipo / pessoas / que foram importantes na vida dela // \$

Tabela 3

LEGENDA DOS SÍMBOLOS NA TRANSCRIÇÃO	
Símbolo	Significado
/	Quebra não terminal de partes de um enunciado. Delimita as unidades prosódicas desse enunciado.
//	Quebra terminal, delimita enunciados concluídos.
+	Quebra terminal interrompida que sinaliza que o enunciado não foi concluído pelo falante, por alguma razão.
\$	Marca o fim de um enunciado e a tomada de turno por outro falante.
h	risada.
xxx	Indica que o transcritor não foi capaz de entender a palavra que vem a seguir.
&	palavras interrompidas (ou não concluídas).
&he	hesitações.

- *CLA: [25] ah // \$
- *CLA: [26] <então é um / coisa do Faustão> // \$
- *TUT: [27] <que era tipo / aniversário dela / e xis anos de carreira> // \$
- *CLA: [28] <como é que chama aquilo do Faustão> // \$
- *RAQ: [29] <é> / “Arquivo <Confidencial”> // \$
- *CLA: [30] <“Arquivo do Faustão” / porém num táxi> // \$
- *TUT: [31] <é / mas as pessoas entram> no táxi // \$
- *CLA: [32] ah / tá // \$
- *CLA: [33] uhn // \$
- *TUT: [34] ele combina com todas antes / e [6] <combinou com todas antes> + \$
- *CLA: [35] <sem ela saber> // \$
- *TUT: [36] <sem ela saber> / e foi pegando ela // \$
- *CLA: [37] <obviamente> // \$
- *TUT: [38] surpresa pra ela / por causa de aniversário dela / e xis anos de carreira // \$
- *CLA: [39] uhn // \$
- *RAQ: [40] ó // \$
- *TUT: [41] e aí entraram na turma / tipo / os diretor / a turma que [1] que [1] que acreditou nela / e com quem ela já trabalhou / e muita gente &fa [3] entrando / tipo / gente famosa // \$
- *TUT: [42] entrou Gilberto Gil / o <Daniel Filho> // \$
- *RAQ: [43] <rapidinho> / só um minutinho // \$
- *RAQ: [44] a Elisa já ã pode gravar nossa conversa não // \$
- *RAQ: [45] pra gente começar / a produzir // \$
- *CLA: [46] eu desconfio que ela já tá // \$
- *TUT: [47] ah // \$
- *CLA: [48] <eu> espero hhh // \$
- *TUT: [49] ah que <legal> // \$
- *TUT: [50] <é isso> // \$
- *CLA: [51] <eu tô> esperando <hhh> // \$
- *RAQ: [52] <ah / então pode continuar contando> // \$
- *TUT: [53] <ah / deve ser isso mesmo> // \$
- *RAQ: [54] <daqui a pouco a gente confere com ela> // \$
- *TUT: [55] que coisa / né // \$
- *TUT: [56] e aí o que que rola <hhh> // \$
- *CLA: [57] <ainda mais se ela saiu de fora> [3] saiu fora // \$
- *TUT: [58] aí / entrou / tipo / o <Daniel Filho> / <a> Camila Pitanga / que era / Angeliquete / no primeiro <programa dela> / na Record / \$
- *RAQ: [59] <é não / porque senão a gente vai sair daqui amanhã> / né hhh // \$
- *CLA: [60] <é> // \$
- *CLA: [61] <sério> // \$
- *CLA: [62] No’ // \$
- *RAQ: [63] <eu não assistia> o programa da <Angélica / eu tinha superpreconceito com ela> // \$
- *TUT: [64] aí de <repente / entra> + \$
- *TUT: [65] <de repente> + \$
- *CLA: [66] <também não> // \$
- *TUT: [67] <eu também sempre tive preconceito> // \$
- *CLA: [68] <eu só gosto de Xuxa> // \$
- *RAQ: [69] <só gostava da Xuxa> // \$
- *TUT: [70] <não / eu via> a Mara Maravilha / <mas eu> tinha <preconceito com a Angélica> // \$
- *CLA: [71] <ham ham> // \$
- *RAQ: [72] <a Mara / eu também tinha> o disco da Mara / <mas a Angélica / eu super tinha preconceito> // \$
- *TUT: [73] <mas eu tinha preconceito com a Angélica> // \$
- *CLA: [74] <ah não / entre Mara e Angélica> // \$
- *RAQ: [75] exatamente // \$
- *TUT: [76] <e aí / de repente entra duas> gorda / que ninguém viu mais gorda / literalmente / aí ela dá aquele abraço / xxx ei / <querida> // \$

- *RAQ: [77] <babá> / né / <devia ser> // \$
- *TUT: [78] <ai ele> fala / ô amor // \$
- *TUT: [79] conta po Brasil todo / quem são elas // \$
- *CLA: [80] ela não <sabia> // \$
- *TUT: [81] <ela / &he> // \$
- *RAQ: [82] <hhh> // \$
- *TUT: [83] <quem são vocês> mesmo hhh // \$
- *CLA: [84] <não> // \$
- *RAQ: [85] ah / <não> // \$
- *CLA: [86] ela fez isso // \$
- *TUT: [87] era tipo / as amigas de infância / dela / <colega de escola> / morava &n [1] na rua / as coleguinhas de [1] de primeiro <beijo e afins> / e ela deletou hhh // \$
- *RAQ: [88] <e ela não lembrou> // \$
- *CLA: [89] <que nũ deve ter visto há> anos // \$
- *TUT: [90] aí falou / eu sou [2] nós somos a xis e a ípsilon <hhh> // \$
- *RAQ: [91] <ah> / que <ridículo / mas nũ deviam nem ter feito isso> // \$
- *TUT: [92] <gente / elas são minhas irmãs hhh> // \$
- *TUT: [93] que coisa / não hhh // \$
- *TUT: [94] <mas é o tipo da coisa que e' &po> + \$
- *CLA: [95] <sério> // \$
- *CLA: [96] <isso aconteceu tudo> na televisão / de verdade / <assim / tipo> // \$
- *RAQ: [97] <não / mas> + \$
- *TUT: [98] <mas é o tipo da> coisa que ele podia ter tirado / <na edição> / \$
- *CLA: [99] <hum hum> // \$
- *RAQ: [100] <pois é / editado> // \$
- *RAQ: [101] se nũ é <ao vivo hhh> // \$
- *TUT: [102] / <mas ele quis sacanear ela hhh> // \$
- *CLA: [103] que isso / gente / nũ acredito que fez isso // \$
- *RAQ: [104] ah / mas sacanear ela não / sacanear as amigas / <coitadas / porque era ridículo> // \$
- *TUT: [105] <hhh conta po Brasil inteiro quem são elas> // \$
- *CLA: [106] <é> // \$
- *CLA: [107] <mas ela também conta> // \$
- *RAQ: [108] <elas fizeram papel de ridículo> // \$
- *CLA: [109] <e ele inda devia saber> // \$
- *TUT: [110] <só depois que elas me contarem> // \$
- *CLA: [111] <eles deviam ter brigado hhh> // \$
- *TUT: [112] <porque eu desconheço> essas <donas hhh> // \$
- *CLA: [113] <eles deviam ter> brigado / feio / hhh <e aí ela queria descontar> // \$
- *TUT: [114] não / ela <já tava puta com a surpresinha / que ela nũ gosta dessas coisa> // \$
- *RAQ: [115] <foi &descon> + \$
- *RAQ: [116] <não / mas [1] mas ela fingiu que> gostou // \$
- *CLA: [117] é // \$
- *RAQ: [118] que / conheceu // \$
- *RAQ: [119] ela entrou no táxi / as gordas entraram / <yyyy> + \$
- *TUT: [120] <eas deram um abraço> nela / ea foi / ei // \$
- *TUT: [121] quem é você hhh // \$
- *CLA: [122] Nossa / que <mico> // \$
- *RAQ: [123] <xxx / essa yyyy> // \$
- *CLA: [124] <e aí as mulheres> responderam // \$
- *CLA: [125] as gordinha <lá responderam> // \$
- *TUT: [126] <elas / ah> / adivinha // \$
- *TUT: [127] aí ela ficou olhando uma data / <tipo / cê é a xis> // \$
- *RAQ: [128] <é / adivinha é xxx / assim que xxx> // \$

- *TUT: [129] ea falou assim / não / a ípsilon hhh // \$
 *TUT: [130] aí ela lembrou da outra // \$
 *TUT: [131] ah / isso / e a dábliu // \$
 *TUT: [132] sim // \$
 *TUT: [133] as amicíssimas <hhh> // \$
 *RAQ: [134] <melhores amigas do mundo / né hhh> // \$
 *CLA: [135] <Nossa / gente hhh> // \$
 *RAQ: [136] <não sei quem são / mas tudo> bem // \$
 *CLA: [137] que horror // \$
 *RAQ: [138] é // \$
 *CLA: [139] mas ele faz isso &sem [4] ele faz esse treco do [1] do <táxi é só / por ela> // \$
 *TUT: [140] <é a &pri [3] é [1] é um quadro do programa dele> // \$
 *CLA: [141] <é um quadro> // \$
 *TUT: [142] que chama “Vou de Táxi” / inclusive // \$
 *CLA: [143] <inclusive> + \$
 *TUT: [144] <em homenagem a ela> // \$
 *CLA: [145] ah // \$
 *TUT: [146] <mas eu nunca tinha visto / eu nã sei como que é / normalmente> // \$
 *RAQ: [147] <mas> + \$
 *CLA: [148] <No’> // \$
 *CLA: [149] <e ela nã gosta de surpresas> // \$
 *CLA: [150] ela nã tava feliz <&n [1] hora alguma> // \$
 *TUT: [151] <ela nã achou legal> não // \$
 *CLA: [152] <mas / ah hhh> // \$
 *TUT: [153] <aliás / é> [1] é óbvio que ela entrou na onda / né // \$
 *RAQ: [154] é / porque senão nã ia nem ao <ar / né> // \$
 *CLA: [155] <ah / mas era> + \$
 *RAQ: [156] <porque se ela nã gostasse realmente / nã deixava / colocar não> // \$
 *CLA: [157] <é> // \$
 *CLA: [158] <exatamente> // \$
 *CLA: [159] <porque ela> podia simplesmente não / não vou participar dessa joça // \$
 *TUT: [160] o poder numa calça jeans / né <hhh> // \$
 *RAQ: [161] <ô / mas> / eu tinha <superpreconceito com a Angélica> / eu entendo ocê // \$
 *CLA: [162] <hhh vai ver é um blue jeans> // \$
 *RAQ: [163] porque eu via a Mara / tinha disco da Mara / <e Xuxa> + \$

Transcrição parcial do áudio bfamcv30 do C-Oral (RASO e MELLO, 2012, griffo nosso).

A conversa tem início quando Tutu aproveita um momento de descontração entre o grupo para relatar uma história sobre uma apresentadora de televisão brasileira chamada Angélica. Aparentemente, esse relato também teria um tom de descontração e humor, evidenciados pelas risadas dos participantes da linha 1 à linha 3, ainda que não seja possível saber de que os participantes estavam rindo antes.

Como Raquel tem um pequeno lapso de memória de quem poderia ser tal apresentadora, Tutu e Clarissa fazem um pequeno

detalhamento da protagonista do programa com o intuito de situar Raquel no mesmo espaço mental discursivo atualizado em que o ator e a professora de inglês já estão. Estar em um mesmo espaço mental discursivo significa que os três participantes supostamente estão devidamente contextualizados, e os enunciados subsequentes supostamente tendem a convergir em torno deste espaço mental ou tópico. Na linha 15, Tutu faz nova correção de Raquel com o intuito de aclarar-lhe o tópico ainda mais e Tutu, finalmente, pode seguir com seu relato.

Na linha 15, Tutu utiliza pela primeira vez o discurso reportado para referir-se ao que o apresentador do programa disse à participante Angélica “[...] falou / <amor / na verdade> / <era uma brincadeira> / cê vai andar comigo // \$”. Tutu tem o papel de animador, isto é, quem fisicamente fala. Quem é descrito pelo animador é a figura, neste caso, o apresentador. O apresentador também é o autor do discurso animado por Tutu, uma vez que é o primeiro quem elabora o discurso de Tutu. Além disso, o autor também é o responsável social pelo discurso dela. O que Tutu faz é reportar

um discurso direto a partir do verbo “falou”.

Do ponto de vista cognitivo, a fala de Tutu na linha 15 tem a função de agregar uma nova cena ao espaço mental discursivo então estabelecido pelo relato desse participante. Desse modo, os ouvintes podem simular mentalmente o relato de forma mais próxima do acontecido, uma vez que o discurso reportado licenciado pela relação animador e autor permite a recriação mais imediata de uma cena como se a mesma estivesse ocorrendo naquele momento. Neste caso específico, trata-se da cena na qual o apresentador e marido da convidada, Angélica, esclarece os propósitos do programa, isto é, a princípio, um passeio de táxi.

Das linhas 16 até a linha 75, Tutu oferece diversos detalhes acerca do tópico sobre o qual ele relata, mas sem o discurso reportado. De modo sucinto, das linhas 16 às 75, Tutu relata que a apresentadora Angélica completaria alguns anos de carreira e participaria de uma brincadeira. Por essa razão, seu marido, apresentador do programa o qual Tutu se refere, far-lhe-ia uma surpresa: uma corrida em um táxi no qual entrariam diversas pessoas supostamente conhecidas e importantes na história de vida de Angélica.

Após várias interrupções, Tutu retoma em 76 o tópico iniciado em 64 e 65, isto é, sobre os acontecimentos do programa televisivo no qual a protagonista Angélica era levada a um passeio de taxi e encontrava pessoas supostamente conhecidas e importantes em sua vida.

Em 76, após retomar o tópico de 64 e 65 por meio das expressões “e aí / de repente”, Tutu faz um comentário pejorativo a respeito das duas participantes envolvidas em seu relato “entra duas gorda / que ninguém viu mais gorda/ literalmente”. Posteriormente, Tutu volta a narrar e descrever a cena com “aí ela dá aquele abraço” e, imediatamente anima a voz de autoria de Angélica” xxx ei/ querida”. Como o ator utiliza um pronome de terceira pessoa do singular “ela”, Tutu se refere à Angélica e não às suas supostas amigas. Ainda que o modificador “ei querida” não esteja

propriamente em primeira pessoa, o conceptualizador pode inferir a partir de sua experiência que se trata de uma interação de saudação entre duas pessoas e que se trata da fala de uma delas, neste caso, de Angélica.

O modificador “ei querida” advém da fala ocorrida em uma interação que é reportada por Tutu. Este último anima a voz da autoria de Angélica, ou seja, Tutu faz seu discurso reportado e este coexiste com o CDD “abraço, ei querida” em questão. Das linhas 76 à 159, o tópico principal de discussão dos participantes será o não reconhecimento de Angélica de suas supostas amigas. Dessa forma, o CDD “abraço ei, querida” permite a instauração de um tópico para discussão entre os participantes.

Por meio do CDD “abraço ei, querida”, o conceptualizador pode inferir os participantes envolvidos na cena de saudação e o abraço narrado por Tutu, ou seja, a cena composta por Angélica e as duas supostas amigas. O conceptualizador também consegue inferir que se trata de uma expressão comum utilizada entre duas pessoas teoricamente conhecidas, uma vez que “querida” sugere, a princípio, alguma intimidade. Nesse sentido, o alongamento de 0,981⁵ segundos da interjeição “ei” também sugere uma ênfase utilizada entre pessoas que supostamente teriam alguma intimidade e que não se viam há algum tempo.

Ocorre que Angélica, segundo o material transcrito, não reconhece as supostas amigas ao longo da conversa, conforme discutido a seguir. Desse modo, a conceptualização de “abraço ei, querida” ganha novas contribuições e interpretações na medida em que o relato de Tutu se desenvolve. Por essa razão, o abraço entre amigas ganha uma conotação de fingimento, pois Angélica aparentemente enuncia “ei, querida” para ganhar tempo e proteger sua face de eventuais constrangimentos por não ter reconhecido suas antigas e supostas amigas.

⁵ Medição feita no software PRAAT.

Do ponto de vista morfológico, podemos afirmar que o composto “abraço, ei querida” é um tipo de reciclagem morfosintática criativa de um enunciado para o léxico. Nesse caso, em vez de apenas um fragmento morfológico reutilizado para formação de novos vocábulos, como uma raiz de palavra à qual é adicionada afixos, formando novas palavras (BASÍLIO, 2011, p.8), temos um enunciado, fruto da própria interação, que é reciclado com o intuito de ser utilizado como modificador e que também poderia ser chamado de adjunto adnominal.

Um fato notório a respeito deste CDD é que ele ocorre de modo menos monitorado por seus enunciadores. Em outras pesquisas acerca de CDD, principalmente em gêneros escritos (PASCUAL, 2014; COSTA JÚNIOR, 2016; no prelo), o falante usualmente tem tempo para elaborar seu discurso e monitorá-lo. Juntamente com a baixa quantidade de ocorrências encontradas no C-Oral, poderia ser sugerido erroneamente que esses modificadores de interação fictiva só ocorreriam quando o falante pudesse monitorar seu discurso com mais tempo, como em vídeos gravados de tutorial ou entrevistas escritas. Ao contrário, esse exemplo “abraço ei, querida” reforça a possibilidade de que esses compostos também possam estar presentes em discursos menos monitorados. Ademais, o “abraço ei, querida” também sugere a possibilidade de um CDD coexistir com um discurso reportado.

Raquel faz nova contribuição no trecho 119 e novamente situa os participantes no momento após Angélica ter encontrado com suas desconhecidas amigas e ter dado o abraço na linha 76. Instigado pela contribuição de Raquel, Tutu detalha um pouco mais a cena do abraço “ei querida” de 76 na linha 120. Dessa vez, Tutu utiliza o verbo “ir”, no pretérito perfeito do indicativo para introduzir o discurso reportado com o intuito de recuperar a cena do CDD em 76.

Na linha 121, Tutu anima um discurso de autoria de Angélica. Após 76 e, já com a face ameaçada, a autora diz “ei, quem são vocês”, provavelmente, depois de ter dado o abraço e cumprimentar as já esquecidas

amigas com um “ei, querida” sem reconhecê-las na linha 76.

A interjeição “ei” também é alongada pelo animador do discurso direto na linha 121, com duração de 0,572 segundos. Conforme supracitado, em 76 o alongamento é de 0,981⁶ segundos. De modo inconsciente, o animador pode ter inferido que alongar a interjeição tal como o fizera em 76 pudesse ser uma forma de reconstruir uma cena já discutida, a qual os outros participantes já haviam rido e debochado.

O CDD de 76 permite inferências metonímicas, uma vez que o discurso de 121 é uma forma de o animador acessar mentalmente a cena do CDD em 76. Isso significa que o CDD em 76 e o discurso reportado em 121 são perfilamentos diferentes de uma mesma cena. Essa cena é a interação entre Angélica e suas olvidadas amigas, bem como os enunciados proferidos pelas participantes e o contexto de enunciação das mesmas. Assim, há diversos enunciados que compõem uma mesma cena e convergem para essa cena. Por essa razão, um enunciado ou elemento da cena pode ser utilizado para acessar mentalmente toda a cena, tal como se faz em 121 para acessar 76.

Já nas linhas 161 às linhas 246, os participantes vão falar de outros tópicos que estão além do escopo do composto em 76.

Por fim, entendemos que a relativa baixa produtividade de um CDD na fala espontânea talvez se deva por duas razões. A primeira, pela marcante ligação de um CDD com a criatividade, já que é possível utilizar um enunciado de uma interação para modificar um item lexical nominal qualquer. Isso significa que novo item lexical é formado na interação e pode ficar restrito a ela, com conseqüente baixa possibilidade de lexicalização na língua. A segunda razão se deve à complexidade estrutural de alguns CDDs, visto que há compostos muito extensos e de chance reduzida de lexicalização na fala devido à grande dificuldade de processamento.

⁶ Medição feita no software PRAAT.

Essa dificuldade de lexicalização de CDDs extensos demais pode ser ilustrada com um exemplo. Em uma página dedicada a apresentar problemas e soluções para casais e relacionamentos, existe um suposto profissional que dá orientações para problemas relacionados à vida amorosa de outras pessoas que lhe escrevem. Em um determinado momento, o responsável pela orientação utiliza um CDD para criticar o comportamento de quem lhe havia escrito. Trata-se do postura de eu quero que você suporte ouvir o que lhe desagradava, mas não suporte o desagrado de ouvir que o que eu disse lhe desagradou, no qual o substantivo “postura” é adjetivado por um discurso direto muito extenso. Por essa razão, trata-se de um CDD que provavelmente ficará circunscrito a essa interação, com chances muito baixas de lexicalização devido à dificuldade de processar e repetir seu modificador em outras interações, principalmente em razão de seu tamanho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um CDD pode ser motivado pela animação de um enunciado previamente estabelecido em uma interação, podendo manifestar-se e coexistir com um discurso reportado. Trata-se de uma forma diferenciada de adjetivar um sintagma nominal, principalmente devido ao efeito muitas vezes humorístico e crítico do modificador de discurso direto, visto que este pode advir da própria interação em questão.

Ademais, a animação do discurso reportado em questão, o qual também era um CDD, foi uma das formas de o animador ameaçar e expor a face da figura em questão, majoritariamente a da apresentadora relatada naquela interação. Outro resultado relevante dessa pesquisa é a relativa baixa produtividade de CDDs na fala espontânea, visto que, em outras pesquisas empreendidas principalmente em gêneros escritos (PASCUAL, 2014), ou pesquisas em gêneros escritos ou orais mais monitorados, como entrevistas e tutoriais gravados do Youtube (XXX, 2016), foram encontrados resultados mais expressivos desses CDDs, com o total de 44 CDDs nesta última pesquisa.

Por fim, defendemos que a baixa produtividade do CDD na fala espontânea pode estar ligada a seu potencial de associar-se a uma interação única e criativa, além do fato de esses compostos serem estruturalmente mais complexos do que um adjetivo canônico, principalmente devido a grande extensão de alguns CDDs. De qualquer forma, trata-se de uma manifestação de como as interações cotidianas podem criar e recriar o léxico.

REFERÊNCIAS

BASÍLIO, Margarida. *Formação de palavras no português do Brasil*. São Paulo, Contexto, 2011.

COSTA JÚNIOR, J.C. *Compostos Nominais de Discurso Direto no Português do Brasil*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, 2016.

COSTA JÚNIOR, J.C. *Compostos de Discurso Direto no Português do Brasil: Interação fictiva no léxico (no prelo)*.

DRESSLER, Wolfgang. *Compound Types. The Representation and Processing of Compound Words*. Eds. Gary Libben and Gonia Jarema. Oxford: OUP, 2006.

DUBOIS, Betty Lou. *Pseudo quotation in current English communication: “Hey, she didn’t really say it”*. *Revista Language in Society*, 1989, pp.343-359.

GOFFMAN, Erving. *Footing*. In: RIBEIRO, B.T. & GARCEZ, P.M. (orgs). *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre, AGE Editora, 1998, pp.70-97.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. *A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais na interação social*. In: FIGUEIRA, Sérgio Augusto (Org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1980, p. 76.

LANGACKER, Ronald. *Virtual reality*. *Studies in the Linguistics Sciences*. V. 29, n. 2, 1999.

LANGACKER, Ronald. *Cognitive Grammar*. New York: Oxford University Press, 2008.

MAYES, Patricia. *Quotation in spoken English*. *Revista Studies in Language*, n.14, 1990, pp.325-363.

PASCUAL, Esther. *Fictive interaction. The conversation frame in thought, language, and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 2014.

RASO, Tomaso; MELLO, Heliana. *C-Oral Brasil: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

ROCHA, Luis Fernando Matos. *A construção da mimesis no Reality show. Uma abordagem sociocognitiva para o discurso reportado*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

_____. *Tendências prosódicas e interacionais do discurso reportado: uma abordagem sociocognitivista*. *Revista Veredas*, v.7, n.1 e n.2, jan/dez 2003, pp.247-262.

TALMY, Leonard. *Fictive motion in language and "ception"*. In: TALMY, L. *Toward a cognitive semantics*. Vol. 1. Massachusetts: The MIT Press, 2000.

VACHEK, Josef. *Selected Writings in English and General Linguistics*. Praha: Academia, 1976.

Recebido em 22 Jun 2018 | Aprovado em 18 Jul 2018

José Carlos da COSTA JÚNIOR

Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva. Linha de Pesquisa: Estudos Linguísticos Baseados em Corpora. Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: carlosjuniorcostal@gmail.com